

Flavia Giribone Acosta Duarte

DIFERENTES FRONTEIRAS NA FRONTEIRA: as mulheres negras de umbanda em Santana do Livramento – RS e Rivera – Uruguay

Frequentemente, ao se tratar de fronteiras, o imaginário popular já volta seus pensamentos para uma figura da fronteira, sua maneira peculiar de falar, de se vestir e seu comportamento, muito ligado à sua proximidade com o país com que faz fronteira. O que é típico nessas linhas que dividem países é de extrema importância para a valorização das expressões que são naturais nesses ambientes. O portunhol, por exemplo, que por muito tempo foi tratado de forma discriminada e visto como um falar não elaborado e de pessoas menos favorecidas, hoje é visto como expressão típica da fronteira e existe um grupo de defensores de uma petição para que o portunhol seja tratado como patrimônio cultural imaterial pela Unesco. Um desses defensores é o historiador Eduardo Palermo. “O portunhol é a linguagem da fronteira, o problema é que essa forma de expressão é sempre discriminada” (PALERMO apud ARIAS, 2015). Esse historiador, além de defender as expressões essencialmente da fronteira, trabalha em prol de uma valorização da cultura em geral. Além de trabalhar para que o portunhol saia da sua exclusão na fronteira, Palermo também busca uma valorização da cultura afrodescendente, tanto em Santana do Livramento como em Rivera.

No caso desse estudo, busca-se compreender e valorizar a cultura afrodescendente na fronteira. A proximidade acaba sendo mais íntima, pois

Santana do Livramento e Rivera, além de estarem na fronteira, são ligadas por uma divisa seca, onde a circulação e mistura de hábitos e costumes se tornam diários e facilitados pela forma com que vivem. O ser de uma nacionalidade ou de outra, e até mesmo de duas faz o morador da fronteira interessante aos olhos de quem chega. Sendo assim, alguns temas que não têm relação direta com o “nacional” são deixados de lado ou invisibilizados. É o caso das mulheres negras, suas identidades e sua forma de estar nesse espaço. Essa vontade de entender melhor essas mulheres negras moradoras de Santana do Livramento e Rivera surgiu da ida a campo que fez parte da dissertação feita em 2016, onde entrevistas foram realizadas. A partir daí, surgiram várias questões que podem ser abordadas e, ao mesmo tempo, a necessidade de aprofundar o entendimento de quem são essas mulheres negras, como elas circulam nos dois municípios, como articulam suas identidades em diferentes fronteiras dentro de uma fronteira e a sua relação com uma religião de matriz africana, neste caso, em especial, a Umbanda. Esta pesquisa etnográfica busca entender como a participação ativa de mulheres negras em centros de Umbanda interfere em suas relações em outros espaços sociais, e como elas articulam e se afirmam utilizando os vários elementos das realidades vividas.

O Brasil é um país onde há uma diversidade de credos e em que cada vez mais alguns se sobressaem a outros. Por exemplo, podemos perceber um avanço cada vez maior das igrejas evangélicas e uma perda de território da igreja católica, que antes mantinha quase que uma supremacia no Brasil. Esse movimento também pode ser percebido no país vizinho e o mesmo podendo ser verificado em Santana do Livramento e Rivera.

Santana do Livramento é um município localizado no oeste do Rio Grande do Sul, fazendo fronteira com Rivera, município localizado ao norte do Uruguai. Sendo assim, disputas de territorialidade e identidade sempre aconteceram. Mas estes conflitos sempre foram vinculados a nacionalidade e a identificação com relação a esta. Pouco se fala e se estuda sobre as identidades negras e seu processo de construção, muito menos o quanto a religião faz parte destas reflexões. Nossos processos identitários são influenciados por uma gama de elementos em nossas vidas, dentre esses elementos está a religião. Esta pode vir a ter um peso maior ou menor em nossos processos identitários quando diz respeito a uma aceitação de si mesmo e do grupo a qual pertence. Este trabalho visa perceber de que forma as mulheres negras da fronteira, onde vários elementos relacionados com identidade estão em jogo, constroem suas identidades e onde a religião aparece nesse processo e de que forma. O trabalho busca compreender a relação entre os processos identitários, os espaços sociais e as crenças religiosas na fronteira.

Os processos identitários, segundo Hall (2006), acontecem a todo o momento e vários elementos fazem parte de suas construções,

transformações e mutações. Os agentes são influenciados pela forma de como se vêem e de como os outros os vêem, lembrando que a pesquisa será realizada numa região de fronteira, ou seja, carregada de simbologia e peculiaridades. Ele chama de “efeito pluralizante” o fato de se produzir sobre as identidades “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações” (HALL, 2006, p. 87). Assim, as identidades se mostram mais diversas e plurais.

A questão de identidade, segundo Hall (2006), além de acontecer a todo o momento, ela é influenciada e alimentada por vários elementos. Numa zona de fronteira os elementos aumentam, pois se trata também de questões de território e de nacionalidade. Essas influências acabam proporcionando transformações, que levam em consideração variáveis como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, etc. Para este autor, o que antes poderia ser considerado identidade sólida e unificado, passa a ser transformada. Há um diálogo com o mundo onde se seleciona e internalizam-se significados e valores. Há uma relação com o entorno onde as identidades passam a ser várias. Para Hall, as identidades são formadas culturalmente, “ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais” (HALL, 2011, p. 8).

Para o autor, as identidades sociais são construídas, através da cultura, no interior das representações, não fora delas. Estas identidades são o resultado de processos identitários ocorridos através de vivências pessoais. Para o mesmo autor, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Nossos processos identitários são reconstruídos pelo nosso interesse na cultura, levando em conta as nossas histórias particulares. Com isso nossa maneira de ser e nossa autoestima são determinadas pelos processos identitários pelos quais passamos. Elas fazem com que possamos nos identificar e nos posicionar no mundo.

Dependendo do momento histórico em que se encontram as nações, segundo Dorfman (2008), discursos de aproximação e de afastamento se alternam. As fronteiras são demarcadas por normas de cada um dos lados. Mas isso não é estanque, principalmente em uma fronteira seca, onde o fluxo de pessoas e mercadorias acontece a todo o momento. O fronteiriço acaba tendo suas particularidades de seu país, mas, ao mesmo tempo, acaba tendo similaridades com o vizinho. Identificar-se e identificar a cada grupo corresponderá a conjuntos de práticas cotidianas (DORFMAN, 2008, p. 3). “Hoje a importância dada às múltiplas territorialidades permite o exame dessa região como multiétnica e complexa” (DORFMAN, 2008, p. 10).

Com isso, ressalta-se a importância de ter em mente a articulação, que existe numa cidade de fronteira seca, entre identidade, territorialidade

e os múltiplos conceitos de fronteiras que nela se relacionam. Elementos como religião afrobrasileira e gênero dialogarão entre si e com os outros elementos já mencionados.

A continuidade do trabalho prevê uma pesquisa etnográfica que busque entender as variadas atividades religiosas em que estão inseridas essas mulheres negras e de que forma estas realidades influenciam nas identificações e nos espaços que elas circulam. Estas percepções se darão de forma interseccional procurando levar em conta elementos como gênero, classe social e raça.

Os municípios de Santana do Livramento e Rivera carecem de estudos na área das religiões, mais especificamente, das religiões e suas articulações com a fronteira e, em particular, com as mulheres negras, pois na fronteira se encontram trabalhos relacionados à identidade fronteiriça em especial. Outra carência com relação a esses municípios são estudos na área das identidades, mais especificamente, identidades negras e estudos das religiões denominadas de matriz africana, como a Umbanda. Pois é importante entender como a participação ativa em centros de Umbanda interfere em suas relações em outros espaços sociais, e como elas articulam e se afirmam utilizando os vários elementos das realidades vividas na fronteira.

Esta pesquisa será realizada em Santana do Livramento – RS e em Rivera – UY com mulheres negras de centros de Umbanda situados no Brasil e no Uruguai. Nas terreiras ou centros de Umbanda far-se-á um levantamento das mulheres negras e na sequência a que atividades se dedicam. A princípio, a etnografia será feita em duas ou três casas de Umbanda nos dois países citados acima. Nas casas que permitirem, far-se-á a pesquisa de campo participando de encontros, buscando observar a suas participações nos mesmos e o trabalho que elas exercem ali. Estas observações ocorrerão como forma de compreender a inter-relação entre elas e sua opção religiosa e o quanto essa participa de suas percepções de mundo e de construções de suas identidades.

No que tange a questão da utilização da etnografia, serão usadas também as ideias de Mariza Peirano, que esclarece que a etnografia contribui na ampliação de questões perenes da antropologia, “sendo a condição do seu refinamento teórico” (PEIRANO, 2016, p. 238), onde as questões estão sempre em aberto, pois novas evidências estão sempre surgindo. Esta perspectiva cabe no que se busca compreender já que o campo trará as respostas, sempre abertas, para questões importantes de serem discutidas na fronteira. Usa-se o termo fronteira trazendo uma visão de fronteira territorial e também fronteira entre pessoas e credos. Goldman (2003) ressalta que uma teoria etnográfica teria a compreensão “de um objeto social qualquer (linguagem, magia, política) que, mesmo produzido em e para um contexto particular, seja capaz de funcionar como matriz de

inteligibilidade em outros contextos” (GOLDMAN, 2003, p.460).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIAS, Juan. **Portunhol busca sair da exclusão na fronteira entre Brasil e Uruguai**. 2015. Disponível em: <https://ahoranoticiasfrontera.wordpress.com/tag/portunhol/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

BRAH, Avtar. **Diferença, Diversidade, Diferenciação**. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 26. p. 329–376, 2006.

DORFMAN, Adriana. **Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil–Uruguai**. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al (Org.). **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 241–270.

GOLDMAN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia**. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmania: um estudo da estrutura social Kachin**. EDUSP: São Paulo, 1996.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia e rituais: relato de um percurso**. Brasília: Anuário Antropológico, 2016.

AUTORA

Flavia Giribone Acosta Duarte

Cientista social, Mestre em sociologia e moradora de Santana do Livramento. E-mail: flavicaacosta@gmail.com.

Recebido em: 04/05/2018.

Aprovado em: 24/09/2018.

Publicado em: 28/10/2018.